

ATRÁS DO BOATO

Alexandre Machado
Cynthia Garda
Leandro Fortes
e Solano Nascimento
Da equipe do **Correio**

O zenzunzum de que haveria um confisco da poupança, das aplicações e dos depósitos em conta corrente fez muita gente se espalhar em filas, deixou a zero caixas eletrônicos e esvaziou cofres de um punhado de agências espalhadas pela cidade.

No final do expediente, o balanço dos bancos mostrava que houve mais correria e barulho do que saques. No Banco de Brasília (BRB), por exemplo, apenas 5% do que o banco dispunha em caixa foi sacado.

Mas o boato teve uma vitalidade inusitada e acabou em corrida aos bancos. No coração do sistema monetário oficial, ninguém perdeu tempo: a agência do Banco do Brasil do edifício-sede do Banco Central ficou lotada o dia todo de funcionários e aposentados que foram raspar suas poupanças, aplicações e saldos de conta corrente.

As 15 horas já não havia mais dinheiro disponível nos caixas para saque, o que obrigou a gerência a estabelecer um limite de R\$ 5 mil para cada cliente — pago com cheques administrativos.

Mesmo quem passou a vida trabalhando por lá não hesitou em ir raspar tudo nos caixas. Maria de Jesus Macedo, 66 anos, 26 dos quais trabalhados no Banco Central, foi lá pegar seu cheque administrativo de R\$ 5 mil, quase tudo que tinha na poupança.

"Vou tirar e guardar tudo debaixo do colchão", brincou a aposentada do BC. Nessas horas, as mais curiosas justificativas serviram para nutrir o boato. Para Maria de Jesus, a situação de hoje é pior do que a do confisco de 1990. "Estamos encravados pelo FMI", disse.

CONGRESSO, O FOCO DO TUMULTO

Até parlamentares foram envolvidos no conto de que haveria confisco

O epicentro do tumulto ocorreu no Congresso Nacional entre 14h30 e 15h. A boataria generalizada entre os funcionários da casa levou a uma correria até a agência do Banco do Brasil na Câmara dos Deputados. Cerca de 70 pessoas se acotovelavam para tirar o dinheiro da poupança e das contas-correntes.

"Os maiores saques ocorreram no Congresso", confirmou o superintendente do BB, Paulo Roberto de Oliveira. Nada, segundo ele, que emagrecesse os depósitos do banco em Brasília. "Dos 400 mil clientes que temos na cidade, apenas 100 fizeram saques acima do normal", disse.

Conforme o gerente-geral da agência, Francisco Miranda, à princípio, os saques variavam de R\$ 10 mil a R\$ 40 mil. Nesse mesmo horário, na agência vizinha da Caixa Econômica Federal (CEF), somente umas 40 pessoas estavam no banco, alheios ao boato.

O Banco do Brasil teve que limitar o valor do saque. A quantia máxima era de R\$ 1 mil, da poupança ou conta-corrente.

O conto de que haverá um confisco nesta segunda-feira engrossou quando envolveu parlamentares. Dizia-se que os deputados Severino Cavalcanti (PFL-PE) e Michel Temer (PMDB-SP), presidente da Câmara, além do senador Epitácio Cafeteira (PPB-MA), haviam sacado dinheiro de suas contas.

O deputado Severino Cavalcanti desmentiu. "Tem muitos boatos perniciosos por aí que desestruturam os países. Não tirei meu dinheiro, nem tenho poupança. Estou até com pouco dinheiro no bolso", disse, mostrando algumas notas de R\$ 50,00 dobradas ao meio.

Também serviu para impulsionar

a corrida aos bancos o confisco realizado no governo Collor (em 1990, o então presidente, logo depois de assumir, confiscou depósitos e poupanças num valor superior ao equivalente hoje a R\$ 1200).

Foi essa experiência financeira traumática que levou o técnico legislativo Carlos Santos e sua mulher Elaine ao Banco do Brasil do Congresso. Quando do Plano Collor, Elaine foi surpreendida com o confisco de CR\$ 30 mil. "Na dúvida, corremos para cá retirar o dinheiro", justificou Santos.

"Esse governo não tem mais credibilidade. Por isso, cada um de nós retirou R\$ 1 mil. É o dinheiro para pagar as nossas contas, é nosso salário. Poupança, o servidor público não tem mais", lamentou o funcionário, que ainda sacou R\$ 600,00 no caixa eletrônico. Segundo garantiu Santos, o dinheiro pagará duas prestações de R\$ 600,00 do casal, relativas a um carro (pick-up Corsa modelo 96) e um apartamento no Setor Sudoeste, onde moram.

Por acreditar na possibilidade de um confisco, a recepcionista Cleusa Monteiro teve um dia de vestibulanda que chega atrasada no dia da prova e é barrada. Ela trabalha como recepcionista de um laboratório que fica na enfermaria da Câmara dos Deputados.

Cleusa não conseguiu retirar R\$ 20 mil que estavam em sua conta. Tudo porque, até às 17h, ela ainda achava que o dinheiro a ser confiscado — segundo o boato que recebera — seria apenas da poupança. À certa altura, achou que atingiria a conta-corrente também. Correu para o banco, mas era tarde demais.

"O dinheiro que tenho é da minha mãe", apelava ao guarda da agência, que havia fechado a porta. "Minha mãe vendeu um imóvel e o dinheiro era para pagar outro nesse fim de semana. Ainda tenho a prestação de uma geladeira", desesperava-se a funcionária, mostrando um recibo da Loja Arapuã, no valor de R\$ 1.389,00.

A inquietação dos correntistas na cidade parecia aumentar a cada caixa eletrônico — normalmente magros de reserva — que encontravam vazio.

No Conjunto Nacional, a falta de dinheiro nos caixas de auto-atendimento da agência da CEF causou tumulto e a Polícia Militar teve que ser chamada para conter a revolta dos clientes.

Por volta das 16 horas, as quatro máquinas de auto-atendimento foram desligadas por um gerente que se identificou apenas por Marco Antônio. Segundo ele, a demanda de clientes acabou com as reservas de dinheiro da agência, e se decidiu dar prioridade a quem estava sacando diretamente nos caixas.

A gerência ainda tentou conter os ânimos avisando que iria pedir dinheiro emprestado no Banco do Brasil. Como o carro-forte não chegava nunca, começaram os protestos: cerca de 30 clientes que esperavam sacar nos caixas eletrônicos decidiram não abandonar o local até que as máquinas fossem novamente ligadas. O medo de um quebra-quebra fez a CEF chamar a PM. Com a ajuda de dois policiais, o gerente Marco Antônio conseguiu dissolver o tumulto e fechar as portas do banco.

TENSÃO, CORRERIA E DESINFORMAÇÃO

Polícia Militar teve que ser chamada para conter os ânimos

Em Taguatinga, a agência bancária que mais sofreu com os boatos foi a da CEF no centro da cidade. No começo da tarde, aumentou o número de clientes pedindo informações e sacando dinheiro, principalmente da cederneta de poupança.

Por volta das 14h, a gerência da agência solicitou mais dinheiro,

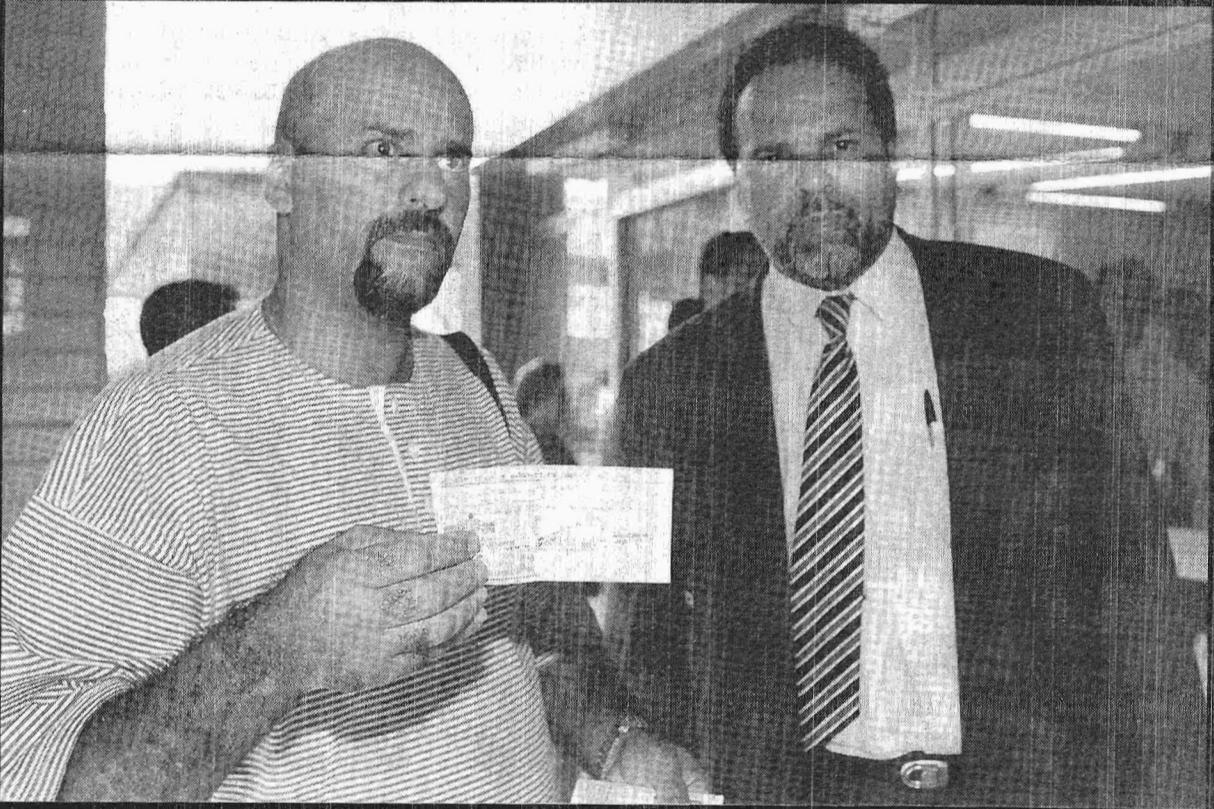
Ronando de Oliveira



Epicentro do tumulto

Na agência do Banco do Brasil da Câmara dos Deputados, a correria de funcionários assustados com o confisco fez com que a gerência tivesse que limitar o valor do saque a R\$ 1 mil: "Os maiores saques ocorreram no Congresso", confirmou o superintendente do BB, Paulo Roberto de Oliveira.

Zuleika de Souza



Saque na marra

O motorista Márcio, ao lado do irmão advogado, mostra o cheque administrativo que conseguiu na agência do BRB no Guará, depois de ter sido avisado de que não havia dinheiro e resolvido pressionar a gerência pelo saque: "Não estou pedindo um favor. É o meu dinheiro", lembrou ao gerente.

Paulo de Araújo



Falta de dinheiro

Com o acúmulo de saques, a agência da Caixa Econômica Federal do centro de Taguatinga teve que pedir um reforço de dinheiro às 14h, e só foi atendida duas horas depois. Quando os carros-fortes chegaram, centenas de clientes se acumulavam dentro da agência, com medo de perder dinheiro.

que só chegou duas horas depois. Antes disso, os saques foram limitados em R\$ 1 mil, a não ser nos casos em que os clientes tivessem avisado dos saques com pelo menos 24 horas de antecedência. Centenas de pessoas se acumularam dentro da agência.

No horário do fechamento, às 17h, policiais militares solicitados pela CEF chegaram à agência para evitar tumulto. Quando as portas foram fechadas, houve um princípio de confusão, com empurrões e muitas queixas dos que ficaram de fora.

A agência do BRB no centro de Taguatinga registrava uma hora antes do encerramento do horário bancário um aumento de cerca de 30% no volume de saques da poupança em comparação aos dias normais. Isso representa aproximadamente R\$ 100 mil a mais de retiradas.

BANCOS NÃO INFORMAM

Desconfiança aumentou depois de conversas com alguns gerentes

Muitos dos que procuraram paz nos gerentes de suas agências saíram da conversa direto para a fila. Vários leitores do **Correio Braziliense** ligaram para a redação do jornal dizendo que haviam ouvido dos próprios gerentes a possibilidade de um confisco.

O gerente André Luiz de Mello Perezino atendeu a centenas de telefonemas de clientes pedindo confirmação do confisco e, mesmo sem acreditar que isso possa ocorrer, preferiu não convencer as pessoas a desistirem dos saques. "Se de repente o confisco acontece?", perguntou.

Levando no bolso um cheque de R\$ 30,2 mil, fruto da venda do apartamento de sua mulher, o servidor público Wilson Seixas, 43 anos, chegou ontem à agência da CEF para aplicar o dinheiro em fundo de renda fixa. Ouviu o boato e mudou de idéia. "Vou dormir com esse dinheiro debaixo do colchão", disse, disposto a não deixar um centavo no banco.

Na comercial da quadra 7 do Guará I formaram-se filas nas agências da Caixa Econômica, Banco do Brasil e BRB. O boato de um possível confisco cresceu entre os correntistas que estavam dentro dos bancos quando fecharam suas portas, às 17h.

Depois de acertar a compra de um Palio 99, o motorista Márcio Fernandes Gomes Fonseca foi à agência do BRB no Guará para sacar R\$ 5 mil da poupança e fechar o negócio. Entrou na fila às 14h. Às 16h15, quando chegou ao caixa, foi informado de que não havia dinheiro. Voltou para casa.

"Vi que tinha coisa errada, e agora quero meu dinheiro todo", explicou, às 17h30, dentro do BRB. Minutos antes do banco fechar, ele havia voltado à agência com os irmãos David e Artur, ambos advogados, que pressionaram a gerência por uma solução. "Não estou pedindo um favor. É o meu dinheiro", reclamou.

Conseguiu um cheque administrativo no valor de R\$ 32.223,64 e aguardava R\$ 5 mil em espécie, decidido a limpar sua poupança. Saiu do banco com o dinheiro em uma pequena bolsa, mas ainda apreensivo.

Em 1990, o motorista havia depositado no banco o dinheiro de uma viagem ao Rio de Janeiro e outras economias. Foram confiscados R\$ 200 mil, na época, de sua conta. Os irmãos também amargaram lembranças do confisco no governo Collor. O advogado David Helio Fonseca, ironicamente, recebeu, no último dia oito, R\$ 397,00 "de uma conta aberta em 1990".